O QUE É A VERDADE

A pergunta sobre a verdade não é uma curiosidade intelectual, mas uma necessidade vital. Há duas maneiras de existir: adaptar-se ao que a sociedade determina, o que é seguro e fácil, ou viver de fato, o que exige descobrir por si mesmo aquilo que é verdadeiro. A vida aparece então como um mistério que não está nos livros nem nas descrições que as pessoas fazem dele, mas que cada um encontra por conta própria. O ponto de partida é sempre o pequeno, o limitado, o cotidiano. É a partir do entendimento do dia a dia, e não de uma fuga para o grandioso, que se passa a ir além dele.

A investigação da verdade não é um exercício especulativo. Ela exige uma boa dose de exame, uma ação concreta na vida diária e uma separação constante de tudo aquilo que é falso. Esse é o único modo de proceder. A verdade não pode ser recebida de uma autoridade, nem transmitida, nem organizada. Ela precisa ser descoberta a cada momento, e não é algo duradouro, permanente ou contínuo no sentido de uma posse que se conserva. Cada minuto pede uma redescoberta, o que implica uma grande dose de atenção e uma mente muito alerta.

Antes de qualquer resposta é preciso questionar a própria pergunta. Existe de fato essa coisa a que chamam verdade? E, se existe uma verdade absoluta, como poderia uma mente descobri-la? A dificuldade é que a mente está condicionada.

Pode uma mente condicionada saber o que é a verdade? A verdade só pode existir quando a mente está completamente livre de confusão. Se há ilusão, fantasia, uma imagem, um conceito romântico sobre a verdade ou sobre o amor, essa mesma imagem é a barreira que impede ir adiante.

Pesquisa Teosófica: No livro A Base da Moralidade, Annie Besant ensina que a conduta que sustenta toda a vida interior começa por um fundamento ético preciso, e escreve que “Inofensividade, verdade, honestidade, castidade, ausência de cobiça — estes são Yamas”. A verdade aparece aí não como uma proposição a ser aceita, mas como uma qualidade de vida a ser praticada, um dos alicerces sobre os quais a consciência se purifica. É a mesma direção apontada pela pergunta sobre o que é verdadeiro, porque a verdade não se conquista por erudição, e sim por retidão e limpidez do próprio viver.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é estudar o primeiro capítulo de A Base da Moralidade ao lado da noção de Yama e Niyama, observando como as virtudes que consistem em não fazer mal antecedem qualquer visão da realidade.

O REAL E O QUE ESTÁ ACONTECENDO

O real é o que está acontecendo, incluindo as respostas, as ideias, as crenças e as opiniões que se tem. O real é aquilo que ocorre exatamente neste momento, seja bom, mau ou indiferente. Ele está aqui, e não em outro lugar. A dificuldade é que não se pode observar o que realmente acontece se a crença

ou o condicionamento restringe essa observação, porque nesse caso a fuga toma o lugar da compreensão. Quando somos incapazes de enfrentar o que está acontecendo, criamos ilusões e idealizações.

A diferença entre ideais e realidade é decisiva. Ideais são meras fugas de um fato. A ilusão é o movimento para longe do real, para longe do que acontece. O mais importante não é o que deveria ser, mas sim o que é. E a compreensão do que é só se torna possível quando o ideal, aquilo que se pensa que deveria ser, foi apagado da mente. A verdade nasce na morte do ideal, e o fato, o que é, surge com o fim do que deveria ser.

O convite é para começar sendo simplesmente aquilo que se é, sem qualquer tentativa de se transformar ou de se moldar a um objetivo. Aprender a olhar para si mesmo e para tudo ao redor, as árvores, os sons, as pessoas e o movimento dos próprios pensamentos, com atenção pura, sem escolha, sem julgamento e sem interferência do pensamento.

Pesquisa Teosófica: No livro Conversas Inspiradas, Swami Vivekananda indica que a libertação começa por desfazer a identificação com o que não somos, e registra que é preciso primeiro “livre-se da ilusão eu sou o corpo, só então podemos querer o conhecimento real”. A ordem é a mesma da investigação do real. Enquanto a imagem de si mesmo ocupar o lugar do fato, o que se vê não é o que é, e sim a projeção de uma ideia. O real exige o fim da imagem antes de qualquer conhecimento verdadeiro.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é ler as Conversas Inspiradas de Vivekananda observando o modo como ele desmonta, uma a uma, as identificações do eu com corpo, mente e memória, e comparar esse método com o exame dos ideais que substituem o fato.

ATENÇÃO SILENCIOSA

Existe um modo de observar que não é concentração nem esforço. É observar a mente tal como ela funciona no agora, sem dar nomes, sem traduzir o que se vê e sem tentar controlar o fluxo das ideias que surgem. Quando se observa desse modo, sem criar resistência e sem opor barreira alguma, a mente se torna naturalmente quieta e extraordinariamente lúcida para perceber a realidade como ela é. Essa observação total não é um esforço de concentração, mas uma atenção pura e sem escolha, livre de julgamento, condenação ou comparação.

No instante em que se tenta permanecer nessa atenção silenciosa, surge a tendência para a divagação, um fator de distração ou o impulso de fugir do fato presente. A instrução é reconhecer essa fuga, observar a distração, descobrir a sua razão, persegui-la e analisá-la completamente. Quando a distração é compreendida, aquela divagação particular desaparece. Quando outra vier, o mesmo trabalho se faz. Assim a investigação de si mesmo se torna contínua.

Nesse estado de atenção, a mente não cria imagens do passado nem projeta expectativas para o futuro. Ela percebe o fato como

ele é, sem interferência de nenhum pensamento, e percebe o movimento interior e o movimento exterior como um único processo integral. É um olhar e um escutar com todo o ser.

Pesquisa Teosófica: No livro Escritos Diversos, Charles Leadbeater descreve os estágios pelos quais um aspirante adquire as qualificações interiores e registra que o terceiro deles é UPACHARA, atenção ou conduta, no qual são adquiridas as chamadas seis qualificações. A atenção aparece ali como disciplina positiva, algo que se cultiva, e não como um esforço de tensão. É a mesma qualidade que, amadurecida, se converte em quietude lúcida, porque não se conquista o olhar claro pela violência da vontade, mas pela constância de uma atenção que se educa.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é estudar em Escritos Diversos o conjunto das seis qualificações ligadas a Upachara e observar como cada uma delas prepara a mente para uma atenção sem esforço e sem escolha.

O OBSERVADOR É O OBSERVADO

A verdade só pode ser vista em uma mente que não está fragmentada. Somente quando a mente vê a totalidade de si mesma, e não apenas fragmentos, ela vê e compreende a verdade. Quando a mente observa sem divisão, descobre-se que o observador é a própria coisa observada. Não existe uma entidade separada olhando para os seus próprios pensamentos, para os seus próprios sentimentos ou para o mundo ao redor.

Essa compreensão não é verbal. Quando se reconhece que aquele que analisa é o analisado, porque, quando estamos zangados, nós somos a raiva, o observador é o observado. A divisão entre um eu que julga e uma emoção julgada é artificial, e é dela que nasce o conflito. Toda a energia se dissipa na dualidade entre o eu e o não eu, na divisão entre o observador e o observado, entre o pensador e o pensamento. Quando essa divisão não existe, a energia deixa de ser desperdiçada em conflito.

Na prática, a tarefa não é unificar os dois. O observador está sempre projetando sua sombra sobre a coisa observada. Por isso o que se investiga é a estrutura e a natureza do observador, e não como juntar duas partes. Ao compreender o movimento do observador, talvez nessa própria compreensão haja um cessar do observador.

Pesquisa Teosófica: No livro Despertar à Vida, Krishnamurti mostra que a separação entre o observador e a coisa observada está na raiz de todo conflito, e adverte que dessa divisão surge não apenas o problema da interpretação, mas também o conflito e os muitos problemas relacionados com ele. A frase sustenta o mesmo ponto por outro ângulo, porque o que se chama de problema interior não é um objeto a ser resolvido por um sujeito externo, mas o próprio sujeito que, vendo-se, se dissolve.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é ler em Despertar à Vida os diálogos sobre o sonho e o sonhador, notando como a pergunta sobre quem interpreta o sonho conduz diretamente ao fim da separação entre observador e observado.

ILUSÃO, MEMÓRIA E CONDICIONAMENTO

A pergunta central é de onde surge a ilusão. Se há confusão, o que é essa confusão e quem a criou, algo dentro ou fora de nós? O que acontece no mundo exterior é diferente do que acontece dentro? A palavra ilusão implica mover-se para longe daquilo que é, e esse movimento é o que a investigação precisa enfrentar. A questão prática é se é possível evitar essa fuga da realidade.

O passado é o eu. A mente é o passado, a mente é esse eu, e enquanto a mente funcionar no passado existirá o eu. Por isso a pergunta fundamental não é se existe um eu independente das respostas condicionadas, mas se a mente, na qual estão incluídos todos os sentimentos, pode estar livre desse condicionamento que é o passado. Qualquer movimento que afaste da vacuidade é uma fuga, e esse fugir do que é constitui o medo. O medo é a fuga. Permanecer com o que é não tem medo, e é a fuga que leva à loucura, não o vazio em si mesmo.

Somente se pudermos caminhar movendo-nos de um fato a outro, totalmente atentos à realidade, de momento a momento, é que começaremos a descobrir o que está além da matéria. A verdade não pode ser trazida para baixo, porque é o indivíduo que deve fazer o esforço de ascender até ela.

Pesquisa Teosófica: No livro Os Mestres e a Senda, Charles Leadbeater adverte sobre a natureza da treva que a mente fabrica para si mesma e escreve que “jamais esqueçais que não

há treva exceto aquela que é criada pela ignorância e pela ilusão". A treva não é uma substância exterior que ataca o buscador, e sim o produto da própria ignorância, que é a mesma tese que identifica na fuga do real a raiz do medo. Dissolvida a ilusão, não resta um inimigo a vencer, porque o obstáculo era a própria confusão de quem olhava.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é percorrer em Os Mestres e a Senda a descrição das provas e ilusões da senda, observando como a tradição teosófica trata a ignorância como véu a ser dissipado, e não como força a ser combatida.

O VAZIO SAGRADO E O SILÊNCIO

É preciso compreender o que é esse vazio e essa solidão, e como surgem. Ele surge da comparação e da medida. Se alguém se compara com um santo, com um mestre, com um grande músico, com o homem que sabe, vê-se inferior, insuficiente, sem talento, imperfeito, não realizado. Da medida e da comparação nasce a enorme cavidade do vazio e do nada. Fugir dessa cavidade é o medo, e o medo impede de compreender esse poço sem fundo. É a medida e a comparação que constituem a essência mesma da dependência.

Escapar dessa cavidade sob qualquer forma é a fuga. A saída não é preencher o vazio, mas permanecer com ele sem escapar pelo medo. E quando não existe um observador há silêncio, o que é negar por completo a totalidade do passado.

Nesse ponto, quando cessa toda a atividade egocêntrica do eu,

quando o cérebro está perfeitamente quieto e o observador deixou de existir, surge um silêncio infinito, sem fronteiras e sem centro. Nesse silêncio extraordinário, no vazio sagrado da mente, a realidade se manifesta.

Pesquisa Teosófica: No livro A Doutrina Secreta Vol. 1, Helena Blavatsky corrige a noção comum de vazio ao dizer que “o Espaço não é nem um vazio sem limites nem uma plenitude condicionada; mas uma e outra coisa”. O vazio do qual se fala não é ausência estéril nem um nada a ser temido, mas a condição que contém tudo e não se deixa possuir. Por isso a fuga é o erro, porque o que se procura preencher não é uma falta, mas o próprio campo em que a manifestação acontece.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é ler em A Doutrina Secreta Vol. 1 as passagens sobre o Espaço como eterno, sem começo nem fim, e comparar essa descrição cosmológica com a experiência do vazio interior que não pede preenchimento.

A VERDADE NÃO TEM CAMINHO

Se o assunto for examinado profundamente, pode-se finalmente dizer que essa tal verdade absoluta realmente existe. Mas não há um caminho para a verdade. Ela não pode ser organizada, possuída, cultivada ou convidada. A verdade não se encontra nos templos, nas igrejas, nos livros ou nas promessas de guias e salvadores. Ela está na percepção direta do que é.

Isso desmonta a expectativa mais comum do buscador, a de que

exista um método cumulativo, uma técnica que, aplicada em etapas, entregue o resultado. Nenhuma organização do pensamento produz a verdade, porque o pensamento é o passado, e o passado só pode produzir mais passado. O que se pode fazer é negar o falso, continuamente, e caminhar de fato em fato com atenção total.

Viver é descobrir por si mesmo aquilo que é a verdade, e isso não se faz sob autoridade. Adaptar-se ao que a sociedade diz é seguro e fácil, mas não é viver. A vida, com seu mistério extraordinário, exige a coragem de investigar sem garantia, sem intermediário e sem posse.

Pesquisa Teosófica: No livro Conversas sobre a Senda do Ocultismo Vol. 2, Annie Besant e Charles Leadbeater falam da exigência de despojamento de quem pretende chegar à meta, advertindo que “se queres alcançá-lo e fundir os dois, deves despojar-te de tuas vestes escuras de ilusão”. O ensinamento coincide no ponto essencial, porque o caminho não acrescenta nada, apenas retira. Não se adquire a verdade como se adquire um bem, despe-se da ilusão que encobria o que já era.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é estudar em Conversas sobre a Senda do Ocultismo Vol. 2 as etapas da senda como processos de renúncia sucessiva, observando que cada avanço é uma subtração e não uma conquista.

O AMOR E O ETERNO

A pergunta sobre o amor acompanha a pergunta sobre a

verdade, porque ambas são facilmente substituídas por imagens. Ter um conceito romântico sobre a verdade ou sobre o amor é precisamente a barreira que impede ir adiante. O amor, como a verdade, não se enquadra na roda da mudança da mesma maneira que as coisas que mudam. Se o amor fosse apenas parte do movimento variável, poderia converter-se em ódio, e o amor seria ódio.

A atenção sem escolha é a ação do amor. A vida religiosa é essa ação, todo viver é essa ação, e a mente religiosa é essa ação. Portanto, a religião, a mente, a vida e o amor são um. Não se trata de estados separados que se alcançam em sequência, mas de uma única qualidade de estar desperto.

Quando não há ilusão, o que é é o mais sagrado, e é Deus ou qualquer outro nome que se queira dar-lhe. Nesse silêncio, no vazio sagrado da mente, a realidade se manifesta, e esse estado é o amor, a própria criação e toda a eternidade.

Pesquisa Teosófica: No livro Conversas Inspiradas, Swami Vivekananda ensina que toda manifestação de poder no universo tem natureza maternal e escreve que ela é Vida, ela é Inteligência, ela é Amor. A afirmação recoloca o amor fora do registro sentimental, porque não é um afeto que se tem, mas a própria energia que sustenta e move o universo, da qual a vida e a inteligência são expressões. É nesse sentido que o estado de atenção silenciosa pode ser chamado de amor, criação e eternidade.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é ler em Conversas Inspiradas as passagens sobre a Mãe e o poder

divino, procurando compreender o amor como princípio cosmológico, e não como emoção cultivável.

Gerado por GET HERMES • 2026-11-17 • Corvo Seco
Bibliografia utilizada: A Base da Moralidade; Conversas Inspiradas; Escritos Diversos; Despertar à Vida; Os Mestres e a Senda